

ENTRE AS TRADIÇÕES E O CINEMA DA CASONA

Maurício Neves Corrêa

Jornalista e aluno do Mestrado de Comunicação, Linguagens e Cultura.

RESUMO: O trabalho analisa a construção do cinema Aikewára e mostra como a apropriação desta tecnologia se relacionou com as tradições e a cultura do povo Aikewára e causou uma valorização destas estruturas. A partir dos estudos culturais de Martín-Barbero o artigo leva em conta a tecnologia não como meio, mas como mediação.

Palavras chaves: Aikewára, Novas tecnologias, cinema.

Os caminhos que lavam até lá são complicados, muitas horas dentro de um carro seguindo por estradas, algumas bem esburacadas, do Estado do Pará. Perto deste lugar o clima começa a mudar. O calor enlouquecedor do sudeste paraense é atenuado. O motivo disto é que nesta terra, diferente do que acontece no resto da região, a floresta Amazônica esta de pé.

Tempos atrás, a professora Ivânia Neves havia me falado sobre as pessoas que moram neste lugar. Ela contara que nesta terra, os mais velhos ensinam a olhar o céu de uma forma diferente, onde a anta e outros animais brilham dando forma a desenhos nas estrelas. Algo que os antigos Gregos entendiam como constelações, já os astrônomos como a Via láctea, e que os habitantes deste lugar chamam de *Tapi'i'rapé* o Caminho da Anta.

Ivânia falava de outra antiga história sobre este povo da floresta: “Contam os mais velhos que há muito tempo uma grande água tomou conta daquela região e que apenas um guerreiro sobreviveu no topo da Serra das Andorinhas. Dois pássaros Mutum e Wiratinga, um pássaro preto e um branco ajudaram este homem a sobreviver. Quando a água baixou, Mutum e Wiratinga viraram mulheres e casaram com o guerreiro. Desta união nasceu a sociedade que habita esta terra onde a floresta ainda resiste. Desta união nasceram os índios castanheiros Aikewára.

Da primeira vez que fui até esta aldeia, sabia que este povo havia passado por grandes dificuldades num passado recente. O motivo era o contado com a sociedade que os envolve. Muitos morreram, mas os poucos que viveram, restabeleceram sua sociedade. Hoje mais de 300 Aikewára, a maioria crianças,

vive pela floresta da Terra Indígena Sororó.

No início havia uma grande curiosidade na Terra Sororó. Alguns Kamará (não índio) de Belém chegaram à aldeia propondo fazer filmes sobre a cultura Aikewára. Era o começo do projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola”. A intenção deste projeto é conciliar as novas tecnologias com a cultura indígena e assim criar um material didático diferenciado para a escola Aikewára.

A parte que me coube neste projeto foi no mínimo desafiadora: fazer os filmes curta-metragem sobre as tradições e a cultura Aikewára. Eu, um jornalista recém formado, que já havia trabalhado numa emissora de televisão, a TV Cultura do Pará e, além disto, participado da edição e produção de alguns curtas e mini documentários, já possuía certa experiência com produções audiovisual. Mas, nenhuma de minhas experiências nesta área se comparava ao desafio na Terra Sororó.

Todas as casas da aldeia possuem uma televisão e muitas até têm aparelhos de DVD. Só que os Aikewára, apesar de já terem sido filmados antes do projeto, nunca tinham visto um filme em que eles eram os protagonistas. A maioria das filmagens dos Aikewára nunca foi exibida na Aldeia. O único registro audiovisual que eles tinham deles, era um material não editado de uma dança. Este vídeo estava num velho computador e poucos índios podiam ver.

A ausência de produção da cultura Aikewára em audiovisual, somada a outros fatores oriundos do contato com a sociedade envolvente, estava causando um problema de diálogo entre gerações, além de uma crise de identidade. Muitas crianças estavam perdendo a vontade de ser índio.

As informações que chegam das parábolicas e do contato com os Kamará, fazem os Aikewára viver numa perigosa fronteira entre suas tradições e o conflito, às vezes até bélico, com a sociedade que os envolve. Um exemplo deste conflito é a depopulação sofrida pelos Aikewára à época do contato. Surtos de varíola e gripe, além da perseguição por fazendeiros da região fizeram com que os Aikewára chegassem a apenas 33 índios.

Esta fronteira se manifesta simbolicamente com mais evidência entre os índios mais jovens. Alguns possuem dois nomes, um indígena e outro kamará. Assim as meninas Teassu e Taraí, são chamadas

de Léia e Talita. A língua em que os jovens mais se comunicam é o português, poucos deles são fluentes em Tupi, a língua materna Aikewára.

O diálogo entre as gerações fica prejudicado pelos conflitos desta fronteira. Quando Mihó, o Pajé dos Aikewára, um dos 33 índios sobreviventes à depopulação, vai contar uma história da cultura Aikewára, as crianças tem muita dificuldade de compreender, muitas sequer entendem o que ele fala. Era preciso que a cultura Aikewára se deslocasse e fosse lutar no terreno adversário. Para Martín-Barbero (2004, 192):

As tecnologias não são meras ferramentas dóceis e transparentes e não se deixam usar de qualquer modo, são em última instância a realização de uma cultura, e dominação das relações culturais. Mas o redesenho é possível, se não como estratégia, ao menos como tática, no sentido que lhe dá M. de Certeau: o modo de luta daquele que não pode se retirar para o seu lugar e vê-se obrigado a lutar no terreno do adversário.

Assim, chegávamos à Sororó, não com o objetivo de resgatar a cultura Aikewára, até porque ela nunca esteve perdida, mas sim, o de promover um rebuliço na relação da fronteira em que esta cultura está exposta. A intenção, seguindo o pensamento de Barbeiro, era dar condições de contra-ataque da cultura Aikewára dentro de seu território adversário. Para fazer isso usaríamos as novas tecnologias, sobretudo os filmes.

As crianças da Terra Sororó

O que mais me chamou atenção neste primeiro momento entre eles, foi o olhar das crianças. É um olhar doce e calmo que brilhava com as novidades que eram apresentadas. As crianças Aikewára são livres para brincar, e suas brincadeiras, ao contrário do que ocorre na cidade, não são violentas. As crianças possuem uma relação íntima com a floresta, com a terra. Em seus desenhos são os animais da floresta e não as coisas do mundo Kamará que se materializam.



Foto: Maurício Neves

Elas são muito solidárias umas com as outras. Na hora do lanche oferecido pelo projeto, muitos deles carregavam mais comida do que o necessário para uma pessoa, às vezes, quase não podiam transportar os alimentos. Num primeiro olhar pareciam gulosos, mas na verdade carregavam aquele excesso para dividir com seus pais, irmão e amigos. As crianças eram o principal motivo para estarmos na Terra Sororó, e a participação delas nos filmes era fundamental.

Outra coisa que não pude deixar de notar, não só entre as crianças, mas também na maior parte dos índios da aldeia, era que eles vestiam-se como nós. Aliás, antes de serem filmadas ou fotografadas, as crianças procuravam vestir a roupa mais bonita. Na primeira viagem, nenhum Aikewára se pintou para aparecer no vídeo. Naquele momento, para eles, a melhor forma de aparecer era com a melhor roupa que tivessem.

O primeiro filme Aikewára

Os primeiros Aikewára que filmei, mostravam-se tímidos frente à filmadora. Além do mais, eles não tinham muita confiança em nós, afinal, muitos kamará já tinham ido filmá-los e nunca voltaram para mostrar o resultado. Porém, uma índia se destacava quando o assunto era filmagens, esta índia chama-se Arihêra Suruí.

Arihêra faz parte do grupo de sobreviventes à depopulação. Ainda bem jovem, no final dos anos de 1960, ela foi um fundamental no processo de reestruturação social deste povo. Hoje, ela é a principal mestra de saberes e tradição de seu povo.

Foto: Maurício Neves



Arihêra Suruí

Casada com Umassú Suruí e mãe de 04 filhos, ela hoje é uma das principais lideranças Aikewára. Talvez a pessoa mais autorizada para falar sobre a cultura Aikewára. Foi graças a ela que a rede tradicional Suruí não desapareceu. Arihêra é também a grande cozinheira da aldeia. Em sua casa, a comida tradicional Suruí nunca deixou de ser servida. Dona de uma habilidade performativa privilegiada, ela é uma das

principais contadoras das histórias Aikewára.

Foi na casa de Arihêra que a equipe do projeto ficou hospedada em todas as viagens à aldeia. Isto também contribuiu com a performance de Arihêra frente as câmeras, afinal ela mantinha uma relação de amizade com a equipe do projeto. E foi ela, a primeira a abrir os fios da tradição Aikewára para as lentes. Começara então as filmagens do primeiro filme sobre este povo, o curta “A Comida Aikewára”.

Este filme faz uma apresentação do projeto aos índios, mas o tema central é a culinária tradicional Aikewára. Arihêra e as outras índias mais velhas apresentam o que os Aikewára comem e o que faz mal. Segundo Arihêra, quando eles comem guariba, a perna fica mole.

Cartaz do filme “A comida Aukewarawára”



Nas filmagens deste filme destacam-se as crianças Hércules e Tuá Suruí, que além naturalidade que ficavam diante da câmera, incentivavam os outros a desenhar e mostra seus desenhos para filmadora. O menino Sariwawag, foi uma das crianças que também desempenhou um papel muito importante neste filme.

Ele começou reunindo os outros meninos e fazendo acrobacias para filmadora. Depois entrou na escola e começou todo garboso e feliz, a cantar uma música Aikewára. Com a ajuda de Tuá de repente tínhamos um coral Suruí. E como eles sorriam felizes ao cantar a música.

O coral de Sari viera a se tornar o primeiro registro audiovisual Aikewára a

Nas filmagens deste filme destacam-se as crianças Hércules e Tuá Suruí, que além naturalidade que ficavam diante da câmera, incentivavam os outros a desenhar e mostra seus desenhos para filmadora. O menino Sariwawag, foi uma das crianças que também desempenhou um papel muito importante neste filme.

Ele começou reunindo os outros meninos e fazendo acrobacias para filmadora. Depois entrou na escola e começou todo garboso e feliz, a cantar uma música Aikewára. Com a ajuda de Tuá de repente tínhamos um coral Suruí. E como eles sorriam felizes ao cantar a música.

O coral de Sari viera a se tornar o primeiro registro audiovisual Aikewára a ser exibido para toda a Aldeia. Foi a primeira vez que eles puderam se vê como protagonistas do filme. O coral de Sari abre o filme.

Assim chegara ao fim a primeira viagem do projeto. Era hora de pegar o material das filmagens e fazer a edição, que aconteceram no Laboratório de Comunicação da Universidade da Amazônia – Unama. Eu e a professora Ivânia Neves fizemos o roteiro do filme *A comida Aikewára*.

O cinema da Casona

Então os kamará voltaram à Terra Sororó, e desta vez trouxeram uma grande TV de LCD, um aparelho de DVD e uma caixa de som. Instalaram estes equipamentos na Casona, a maior edificação da aldeia, feita de palha e madeira, onde os Aikewára costumam se reunir em ocasiões importantes. começaram.

A televisão grande e o aparelho DVD foram alojados numa mesa que o índio Tiapé havia feito pela manhã. A caixa de som e um microfone que os kamará trouxeram também foram para Casona, que esta altura mais parecia uma sala de cinema.

Aos poucos o lugar ia ficando cheio, as crianças se alojavam bem na frente da TV sentadas no chão, os mais velhos disputavam um espaço pelas extremidades, muitos traziam cadeiras de suas casas. Assim que o microfone foi ligado, os Aikewára pareceram apreciar bastante a novidade, principalmente Mairá, o cacique.

Foto Gilvandro Xavier



Imagem dos índios assistindo ao filme A Comida Aikewára

Um estado de frenesi começava a tomar conta da aldeia. Com sua voz amplificada pela caixa de som Mairá convocava todo seu povo para ir à Casona. Até mesmo a aula dos alunos do ensino médio terminou mais cedo, para que assim, todos pudessem assistir ao vídeo.

Depois de tudo ajustado finalmente a abertura do filme aparecia na tela. Pouco depois ainda nos créditos, a música Aikewára ecoava da caixa de som. Os olhos das crianças brilhavam como as estrelas no céu. O menino Sari, protagonista da primeira cena abria um sorriso derretido. Além de emocionar os Aikewára, o vídeo enchia a equipe de orgulho. Na mesma sintonia de Sari, Ivânia também sorria.

Os Aikewára se concentravam naquele vídeo. Um misto de felicidade, emoção e euforia tomava conta deles. Até que chegou a parte que Arihêra roubava a cena no filme. Ela contava no vídeo o que eles

comem. Assistindo a si mesma, ria com o corpo todo, garbosa, seus ombros dobravam para frente.

Ela continuou sorrindo até a cena em que Ivânia pergunta sobre a história das comidas. Neste momento, ela para respira mais fundo. O seu olhar fica mais compenetrado, a impressão que dá, é de que lágrimas escorrem do seu rosto. O que pensava ela naquele momento? O que ela sentia quando suas palavras Aikewára ecoavam pela terra Sororó em som digital? Olhando a forte expressão de seu rosto tanto no filme, como ao vivo o que se via, se sentia, é grande força de um povo inteiro, de sua história, passando nos olhos daquela índia, uma pessoa de extraordinária inteligência e sensibilidade. Ela dominava TV.

Pudera as palavras de Arihêra ecoar no mundo Kamará, talvez assim fosse um lugar melhor...

Depois da exibição do filme, os Aikewára estavam muito felizes. Os índios mais novos passavam por nós cantando suas músicas. De repente, aquelas músicas tradicionais eram entoadas por crianças em todos os cantos da aldeia. O vídeo havia mexido profundamente com os Aikewára, eles estavam orgulhosos daquilo, e agora queriam mais. Mairá anunciou que eles fariam uma Sapurahai, uma festa em que cantariam e dançariam suas músicas tradicionais. O cacique pediu para que isto fosse filmado e virasse um filme.

O Sapurahai, a Rede Aikewára e Caminho da Anta.

Os dias que seguiram a exibição do filme foram bastante movimentados. Os Aikewára prepararam uma série de eventos que eles queriam ver nos filmes. Em diversos pontos da Aldeia havia alguém pedindo para ser filmado exibindo detalhes da cultura Aikewára.

As crianças continuavam a passar por nós cantando suas músicas, e dessa vez, elas não queriam aparecer com roupas bonitas, elas queriam aparecer pintadas com os grafismos corporais Aikewára. Em quase todas as casas, os Aikewára estavam se pintando. Os animais e as árvores ganhavam forma em seus copos, através das pinturas feitas com jenipapo, urucum e carvão.

Foto Gilvandro Xavier



No entardecer eles se reuniram Mihó, começara a cantar. O guerreiro Arikassu comandava os índios no centro da Aldeia, eles comeram a dançar. Era visível a felicidade deles ao fazer este *Sapurahai*. Todos queriam que a cultura Aikewára fosse registrada em vídeo.

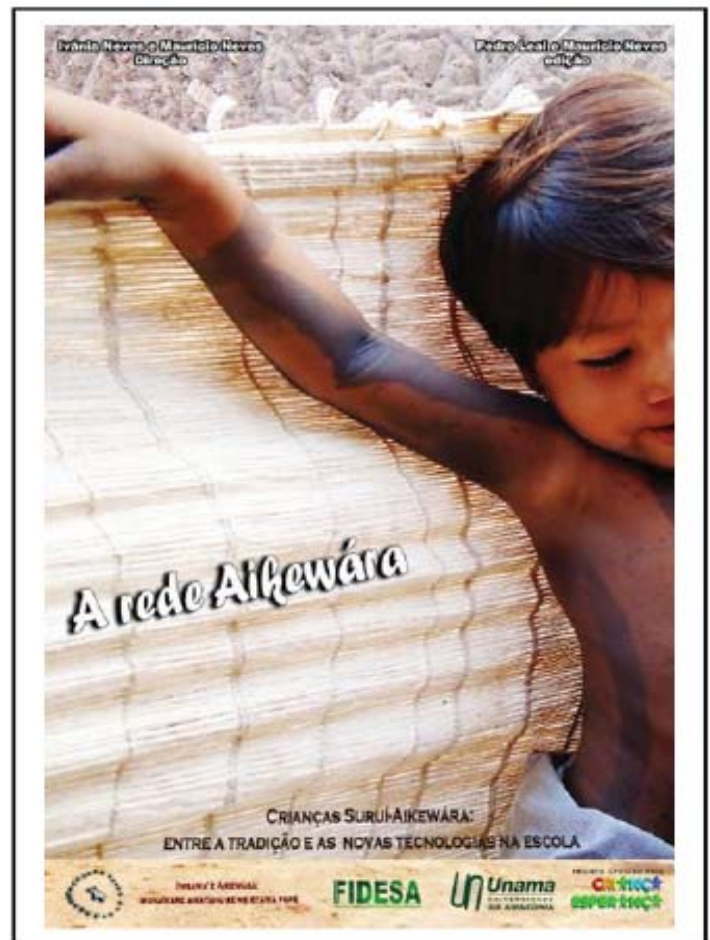
Durante toda a tarde eles dançaram e cantaram. Diversas músicas e formas de danças foram gravadas. Mais tarde esta festa daria origem ao filme “*Sapurahai*”, um vídeo com 18 músicas e danças Aikewára.

Um pouco antes do *Sapurahai* começar, os índios Arihêra, Maria e Arikassu ensinam as crianças a fazer a Tekwaeté, a rede Aikewára. Este momento foi o ponto de partida para outro vídeo que fala sobre a rede.

O filme mostra o trançado dos fios, que guarda toda beleza e delicadeza de sua cultura. O filme como podemos ver no cartaz ao lado foi batiza de “A rede Aikewára”. Arihêra conta histórias sobre a rede:

Maurício, minha mãe ensinava eu. Me ensinava pra afiar algodão. Aí ela fazia a rede também. Aí ela falou pra mim assim:

- Você não deve!
- Você não deve passar por cima dele não!
- Por que não pode?
- Não, faz mal. Assim ela vai ficar malfeita, ela falou pra mim. (Arihêra Suruí)



Tapi'i'rapé: O caminho da Anta foi o quarto e último filme do projeto. Suas filmagens ocorreram nas viagens seguintes. Quem narrou a história foi Api Suruí. O tema do filme é as constelações Aikewára. Fala de como os animais subiram ao céu por uma escada de flechas, mas caíram quando a Anta, que era muito pesada, partiu a escada. Assim a Anta, o Veado, a Onça e o Jabuti formaram as constelações.

Tapi'irapé: O caminho da Anta



Cartaz do filme

Este filme combinou a narrativa de Api com animações dos desenhos feitos pelas crianças. As animações foram muito especiais para eles, ficaram muito contentes ao ver seus desenhos se “mexerem”. Assim que acabou a exibição do filme, as crianças correram para olhar o céu e identificar suas constelações

Isso é nossa cultura.

Algo semelhante ao que Martin Barbero propõe em relação às apropriações da novas tecnologias aconteceu entre os Aikewára. A própria TV, que outrora estava causando um efeito devastador na cultura dos Aikewára, agora era uma ferramenta que possibilitava uma ação afirmativa da própria cultura indígena. Hoje, faz parte do cotidiano da aldeia os Aikewára se reunirem à noite, na Casona para assistirem aos seus filmes e a filmes de outras sociedades indígenas. Segundo Martín Barbero (2004, 19):

A apropriação, ao contrário, se define pelo direito e capacidade de fazer os nossos modelos e as teorias, venham de onde venham, geográfica e ideologicamente. Isso implica não só a tarefa de ligar, mas também a mais arriscada e fecunda de redesenhar os modelos para que caibam nossas diferentes realidades, com a conseqüente e inapelável necessidade de fazer leituras oblíquas desses modelos, leituras “fora de lugar”, a partir de um lugar diferente, a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos.

Talita e Léia continuam a ser chamadas por estes nomes no dia a dia, mas quando perguntadas como querem ser nomeadas no vídeo elas respondem: “Taraí Suruí e Teassu Suruí”. Pela aldeia, atualmente, as crianças tem um forte sentimento de “ser Aikewára”, de ser índio. Os filmes contribuíram para isto acontecer. Os filmes Aikewára, serviram como uma contra-mola dentro da engrenagem, uma resistência no terreno “adversário”.

O índio Umassú conta que o projeto chegou na hora certa, segundo ele as crianças não queriam mais ser índio, mas quando se viram na tela, alguma coisa mudou. “Isso foi bom, porque valorizou nossa cultura”, conta Umassú.

Para Arihêra, as filmagens foram muito importantes para o seu povo, ela fala que suas histórias vão ficar registradas para próximas gerações. “Se eu morrer, os netos de meus netos vão poder saber da nossa cultura, por isso é que eu gosto dos filmes”. Ela lamenta que não tenha registros de vídeo dos tempos antigos. Assim os mais novos não puderam ver e ouvir o que falam os índios de outros tempos.

Sobre as sociedades anteriores à escrita, como era o caso dos Aikewára antes do contato, Pierri Lévy (1999) reflete “A morte de um velho é uma biblioteca em chamas”. Entre os Aikewára, ainda encontramos uma geração anterior à letra, e a forma como eles se expressão é a partir de suas narrativas orais, que na verdade são um processo de audiovisual, que envolve a palavra falada, mas também conta com os gestos, com as onomatopéias. A mera transcrição mutila as narrativas, pois deixa de lado a performance do narrador. Este é um dos motivos do sucesso dos filmes ao ajudar uma cultura indígena a se afirmar. Além de preservar uma “biblioteca viva”, mostra-se também a forma como ela se expressa.

Referências

LÉVY, Pierri. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierr. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais** <<http://caosmose.net/pierrelevy/aemergen.html>> Acessado em 01 de novembro de 2010.

NEVES, Ivânia dos Santos. **Materialidade da história do presente: corpo, mediações e discursos entre os Aikewára**.

<<http://www.unama.br/forumdeletras/images/stories/2010/pdf/sujeito-e-predicado/ivania-dos-santos-neves.pdf>> Acessado em 29 de outubro de 2010.

NEVES, Ivânia. Tese de doutorado: **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi** / Ivânia dos Santos Neves. – Unicamp. Campinas, SP : [s.n.], 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.